

Epílogo para *A peste* e um diálogo a respeito

Epilogue to Camus's Plague and a dialogue about it

Paulo Alexandre Marcelino Malafaia

“Em um artigo que li sobre a pandemia, o sociólogo italiano Domenico de Mais cita a obra profética *A peste*, de Albert Camus: ‘a peste pode vir e ir embora sem que o coração do homem seja modificado’. Ele cita um trecho do romance que diz que: ‘o bacilo da peste não morre nem desaparece nunca, que pode permanecer adormecido por décadas nos móveis e nas roupas, que espera pacientemente nos quartos, nas adegas, nas malas, nos lenços e nos papéis, que talvez chegue o dia em que, infortúnio ou lição dos homens, a peste acordará seus ratos para mandá-los morrer numa cidade feliz.

Tomara que não voltemos à normalidade, pois, se voltarmos, é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro”.

Ailton Krenak

Quando li, em Ortega y Gasset, que era comum grandes espíritos preverem o futuro, pensei em Nietzsche predizendo o acontecido com a Europa e com a religião cristã. Para tentar ser mais preciso, Nietzsche estava descrevendo algo que *já estava em processo*, mas, como ele mesmo o diz, era algo que sequer era percebido pela maioria das pessoas de seu tempo. Descrição que, sob muitos aspectos, ainda é aplicável ao caso atual. Confesso, contudo, que, diante da indicação do filósofo espanhol, Albert Camus não me passara pela cabeça. *A peste*, no entanto, é um retrato tão preciso do que estamos vivendo que, em alguns momentos, sua descrição soa-me ainda mais assustadora que o avassalador anúncio do homem louco.

Os aforismos 125 e 343 de *A gaia ciência* descrevem um futuro próximo sobre a situação metafísica-ética-cristã da Europa ao parabolizar o evento histórico-filosófico do assassinato de Deus e, mais ainda, o fato de que somos nós, seres humanos, os autores do deicídio. Por conta de tudo isso mesmo, há que se inventar novos ritos sagrados para nos guiar debaixo (sob, com o, a partir) do Sol, uma vez que Aqueloutro Sol entrara em eclipse. A peste, ao mesmo tempo em que escancara a crise do sagrado, anunciando a falta de sentido da vida humana, aponta a necessidade (ou ao menos a possibilidade...) de uma espécie de solidariedade para tentar dar liga a uma certa noção de que *a vida importa*. Contudo, Camus ali não explica como ou por quê. É como se a vida humana precisasse ter valor em si mesma. Não sei até que ponto eu forçaria a barra se afirmasse que esse valor bem poderia ser a sacralidade mesma da vida humana. Diante da falta de sentido, uma vez que um *absoluto* fora de nós se esvaneceu, feneceu, é preciso reinventar novos ritos sagrados para dar sentido ao aqui-agora de nossa existência*.

O futebol, o que é? Um alívio, uma rota de fuga. O desporto em geral também o é?

Porém, isso também não se poderia dizer da arte como criadora de sentidos (outros) possíveis? (Mesmo que seja apenas para a criação de um ritmado romance sobre amazonas que o autor nunca concluirá?..)

**Paulo Alexandre
Marcelino Malafaia**

Colégio Pedro II

Professor de Filosofia do Colégio Pedro II. Doutor em filosofia pela PUC-Rio.

pamalafaia@hotmail.com

*

Morre, ainda, pode-se interpretar, a pretensão de um sentido hegemônico e universal para o sentido da vida. O que bem poderia ser ocasião de mais inclusão e tolerância àquilo que emana de outras criações de sentido para a existência, e que passem ao largo de quaisquer pretensões hegemônicas e universais. O deus-mercadoria hoje se arvora com essa pretensão universal, homogênea e hegemônica. Contudo, na maioria dos casos, ele produz *humanidade zumbi*, não um colorido, constelações diversas de possibilidades outras que vivam numa relação harmônica com o planeta que habitamos.

A religião, por sua vez – ou, antes, o cristianismo –, faliu diante da evidência da falta de sentido. Não adianta fazer penitência. O padre é eloqüente, mas não convence. Quando parece se convencer de que realmente não faz (mais) sentido, morre apegado a uma fé que parece ser, ambigualmente, *causa mortis* (como que a ressequir a vida do padre por dentro) e o único possível ponto de salvação (do qual não se pode dessa-pegar). Medo do inferno? Aposta pascaliana?... *impossível saber*.

Aliás, o que poderia ter desencadeado ao padre “a descoberta da peste”? Ou melhor: a peste descobre, desvela, revela, manifesta – *aletheia* quase paradoxal –, o absurdo da falta de sentido dado, prévio, posto – como o Deus cristão pretendia ser... o que, então, poderia ter feito o padre se dar conta disso? O que terá lhe revelado que este sentido não está dado? O que faz parecer um absurdo que este sentido seja absoluto? O injustificável (sob quaisquer sentidos de justiça possíveis) sofrimento da criança inocente? Não experienciar que, no fundo, a única caridade que faz sentido é aquela do Doutor Bernard? O fato de que prega eloquentemente e com coração devoto no púlpito, mas, mesmo sendo escutado, ninguém lhe dá ouvidos? Com relação a essa última pergunta, retirar a importância disso por conta da crença nalgum valor intrínseco da mensagem que porta parece ser o caso dos santos, como discute Camus; e também parece ser o caso daquele transeunte que encontra com o Zaratustra de Nietzsche. Nunca é demais lembrar que esse último santo não sabe que Deus morreu...

Não sei se alguém já disse isso, mas – para mim – a peste, a náusea, o tédio, a inquietude são como um arco léxico que tenta descrever dispositivos filosófico-existenciais que engatilham o fato de que o sentido da vida e da realidade como um todo se encontra em xeque. Mas, como Doutor Bernard, um dos Sísifos dessa história, importa seguir rolando a pedra ladeira acima. Ou melhor, para nosso herói – não há melhor forma de (pro)vocá-lo, de chamá-lo, de (in)vocá-lo, de dizer sua vocação, convocação (comum a todos nós) –: o que importa é seguir cuidando da vida humana da melhor forma possível.

Poder-se-ia pensar também que o herói, na verdade, é o jornalista Raymond. Isto porque, num gesto absurdo de conversão, este decide abrir mão de sua paz, de sua felicidade, de seu amor, para se abandonar ao risco de cuidar dos demais em meio à *peste*. *Estrangeiro à cidade*, ele encontrou algo para o qual valia à pena abrir mão de todas as benesses que lhe esperavam e, como um Sócrates que recusa o plano de fuga, sacrifica-se. Um exemplo.

O que o seu altruísmo revela? Uma luz no fim do túnel para a solidariedade humana, ainda que através de um “fundamento negativo”? “Como posso viver em paz, ser feliz, amar de verdade sabendo que fugi (daqueles que estão sob o flagelo) da peste?” Mais. Tal solidariedade parece se expressar na partilha de um fardo incontornável, como um Cristo, incul-pado, mas que decide, ainda assim, abraçar a cruz. Será ele o santo secular de Camus?

Se assim o é, tudo se ajusta: o doutor Bernard é o herói que não desiste de seu vínculo laboral – também este sem sentido que não o de uma responsabilidade assumida previamente... Doutor Bernard parece, inclusive, ensinar a Raymond através do exemplo moral de quem não julga, mas não distorce verdades: “o que importa é seguir cuidando da vida humana da melhor forma possível...” Assim, Raymond, santo, ao se converter, supera o herói e se torna outra coisa... Deixa de ser estrangeiro, alheio, outro, para se encontrar na cidade, com os daquela cidade... simpatiza com eles, empatiza(-se) com eles, vê-lhes o rosto, sofre com eles, chora-lhes o flagelo e a morte, encontra-se com eles, comunga sua dor, compadece-se... vê-se humano com eles e neles... porque santo, vê, neles, algo de sagrado que vale a pena...

Talvez tenhamos chegado a um momento da História em que isso não nos seja mais suficiente. Resgatar apenas o sentido sacral da vida humana é

muito pouco diante das exigências que a *peste* real de nosso tempo nos traz – a peste que geramos porque também somos uma peste para o planeta. Sim, o corona-vírus adentrou em nosso mundo por conta de nossa ação humana mesma. Há fortes indícios que o tráfico de animais e a produção industrial de gado bovino formaram uma combinação explosiva para nós. Se o que está a nosso redor não parar de ser destruído, se não nos integramos com a vida-natureza-transcendência que nos cerca, se não a entendermos e a experienciarmos com *algum sentido sagrado*, é bem possível que aceleremos a aparição de uma “era de pandemias”, em que vivermos em confinamento e com uma série de diretrizes sanitárias, em que muita gente perderá e/ou se separará de seus entes queridos, serão apenas detalhes para aqueles que sobreviverem.

[15 DE DEZEMBRO DE 2020]

Após ler o epílogo acima, Pedro Gomlevesky me retorquiu com Caeiro e me brindou com uma benção – o “dia-alter-lógo cibernético” que se segue:

– Eu começaria com uma pergunta-provocação: os gregos eram niilistas? E, se os gregos eram avessos ao infinito, por que eles não eram niilistas? Porque parece que é, justamente, a morte do infinito que é a ocasião do niilismo. O que eu queria argumentar é que, apesar de terem um sentimento trágico – o que eu acho que é fundamental entre os gregos... –, não há niilismo entre eles; e a atitude que deveríamos ter é mais parecida com a deles, no seguinte sentido: uma atitude contra o niilismo, ao mesmo tempo que contra o infinito – o que não exclui o trágico. Minha tese é a de uma metafísica da finitude: a realidade é composta apenas de coisas finitas. Aí, o niilismo entendido como uma absoluta falta de sentido – como parece se depreender de sua interpretação do texto de Camus –, também seria uma coisa “metafisicamente imprecisa”, dentro desse quadro que estou pintando. Porque, se não existe absoluto, nem Deus pode ser absoluto, nem o nada pode ser absoluto. O nada também é uma coisa concreta, específica, finita, produzida e construída sob certas circunstâncias, como todas as outras coisas, porque todas as coisas são limitadas, como nos ensina Caeiro. Esta seria uma das minhas primeiras críticas ao teu texto. Responde sobre isso aí que, depois, a gente conversa mais.

– Estou me sentindo Descartes diante das *Objeções [às Meditações metafísicas]*, mas sem a arrogância (“só vêm a endossar os meus pontos...”). Estou vendo mesmo muitos pontos de contatos – mais do que uma divergência frontal... Primeiramente, o seguinte: acho que os gregos tinham uma relação bem diferente da nossa com relação àquilo que a gente convencionou chamar de “natureza”... a *physis* é muito menos ocidental do que aquilo que o Ocidente veio a se tornar. *Physis* é uma espécie de integração total, o ser humano não está radicalmente distinto dela; ele integra as ações da natureza, estando, inclusive, submetido, fundamentalmente, aos mesmos ciclos. Não só entre os mal-chamados pré-socráticos, mas mesmo o ato e a potência aristotélicas espelham algo disso. Enfim, há um largo domínio comum entre humanos e *physis*, para dizer o mínimo. O descolamento que aconteceu posteriormente é também um deslocamento para um percurso no qual os gregos deram, no máximo, acho, mínimos passos, tímidos, nessa direção. Tudo isso parece se alinhar muito coerentemente com a ideia de que os deuses gregos não são infinitos, mas, antes, algo como que “forças da natureza”; em certo sentido, eles se identificam com *uma* dessas forças. Aproveito, então, para voltar a um dos pontos que iniciou essa conversa: a natureza é “sagrada”, tem um quê divino... e isso também é algo muito presente entre os povos indígenas; podemos, inclusive, conectar-nos a essa dimensão sacral, divina da natureza e de suas forças, suas potências. Penso, inclusive, que muitos elementos da religiosidade grega passam por aí.

Então, para ser direto nalgum esboço de resposta para a tua pergunta: os gregos não eram niilistas porque eles tinham certo sentido do sagrado, entendiam-se em uma espécie de “relação integrada” com a *physis*. Acho que houve um momento que, mesmo na Grécia Antiga, isso começa a se romper, mas o processo extremo o fizemos nós, sobretudo a partir da modernidade colonial. Outrossim, penso que, em boa medida, você tem razão: o que morreu, como Nietzsche preconizou, foi um Deus infinito que, de certa maneira, identifica-se com o dos cristãos, Absoluto, Único, Soberano, que vê a tudo e a todos, que se pretende universal e hegemônico – e os efeitos históricos e culturais dessa pretensão ainda estão aí se fazendo sentir... Esse Deus morreu. E agora a gente em que inventar novos jogos sagrados, já disse Nietzsche. (Esse cara é muito sinistro!) Mas eu não sei as condições que se seguem dessa invenção e, menos ainda, serei seu proponente. Mas, nessa esteira, um dinamismo que eu acho importante de pensar é aquele presente na concepção dos povos indígenas de uma relação sacral com a “natureza”. É por aí que está indo minha pista, minha intuição.

– Entendo o que você está dizendo, mas percebo a situação através de um enfoque diferente: pra mim, essa relação dos gregos com a natureza, e por meio da qual você está vendo similitudes com a dos povos indígenas, não é uma reação, uma resposta ao niilismo – embora, obviamente, possamos nos valer disso para nos aproximar e mesmo resolver o problema... Acho que isso mostra, sobretudo, que o niilismo é um problema mal posto, que ele nem deveria ser levantado, porque, na verdade, o que o niilismo pretende é absolutizar o nada, diante da descoberta ou mesmo da constatação da inexistência do absoluto. Vou recolocar minha questão porque acho que, embora você tenha tocado em temas conexos importantes, você ainda não a respondeu diretamente: o nada é absoluto? Porque, se nenhuma coisa pode ser absoluta, o nada também não o pode, daí o niilismo se dissolve, independentemente da noção de sagrado – acho que nem é necessário mencionar qualquer sacralidade para abordar o tema, mas talvez isso se deva a meu ponto de vista que é “mais secular”, digamos assim... Então, junto com a pergunta que eu gostaria que você respondesse – se o nada é absoluto ou não –, queria entender como você definiria “sagrado”.

– Estou com Parmênides: “o nada não é, e o ser é”: a realidade é o que está aí, é o que está posto. Respondendo historicamente o que você colocou – e que eu achei muito interessante: talvez o niilismo seja um problema mal posto porque o Deus vigente, cultural, histórica e hegemonicamente, era um Deus “mal posto”, no sentido de seu absolutismo. Quando o Deus cristão, arvorado como absoluto, morre, a pergunta do niilismo eclode, aparece: E agora, que Deus morreu? Temos o “nada absoluto”? Mas estou com Parmênides.

Não creio que se possa definir ou conceitualizar o sagrado porque isso seria “capturá-lo”, de alguma forma. Abstrair é apreender, e o intelecto bem pode se prestar a ser uma espécie de caixa a tentar dar conta (de algo) da realidade... Mas há um quê misterioso no sagrado que não é possível ser posto nesses termos, que nos escapa – que escapa, pois, a essa captura. O sagrado, parece-me, está mais ligado a uma espécie de experiência que me atravessa e melhor será tentar descrever essa experiência ou mesmo fazer arte ou filosofia, portar-me artística ou filosoficamente a partir dessa experiência, ou mesmo me dispor a uma vivência religiosa, ética, política ou educacional. São exemplos de realidades onde eu julgo que posso colocar meu amor, numa espécie de “lugar seguro” onde eu possa pautar a vida, guiar-me por uma causa...

É importante se precaver de duas interpretações que não se aplicam aqui: a de que esse sagrado é infinito ou que ele seja algo a ser prescrito como algo universal e necessário. Vamos lá! Uma experiência fraternal e comungante é, em certo sentido, uma experiência sagrada. Entender, sofrer com o outro, *compadecer-se* ou mesmo se regozijar com ele, ter um

momento sublime, talvez, ou tudo isso... é difícil conceitualizar, minha tentativa é mesmo mais a de descrever tateantemente esse mistério, o sagrado. Esse âmbito sacral, parece-me, está presente na vida de qualquer pessoa sensível a algum tipo de criatividade, a algum tipo de dimensão espiritual, criativa, e não necessariamente aquilo que se entende, em geral, por “religião”. Esse âmbito pode se dar através da arte, da música, da filosofia, etc. Passar a ver o outro e mesmo a “natureza” como sagrada, sacrossanta, e mesmo como algo que me ultrapassa, se eu posso me dispor dessa forma a isso, posso assumir certos parâmetros como guias de ação, de escolha ético-política, como, por exemplo, tomar parte de redes de solidariedade que ative aquela integração com a natureza ou perceber que certos modelos de consumo e certas formas de estar no mundo simplesmente não funcionam; e, a partir daí, é possível evitar conscientemente certas posturas ou atitudes e até mesmo procurar construir modelos novos.

Nietzsche afirmou que a sombra do Deus morto permanecerá ainda por um tempo. E o problema do niilismo pode ser algo dessa sombra: sem esse Deus tudo está sem sentido e sem direção e daí as pessoas inventam metafísicas e contra-metafísicas. Não acho que seja gratuito que Camus esteja discutindo, inclusive, com certa concepção religiosa, ainda que lhe apareça como decadente. O sacerdote de *A peste* parece morrer, primeiro, por dentro. Não vejo problema nenhum que o niilismo, pelo menos tal qual foi posto por Camus, seja algo “pós-nietzschiano”, e mais: acho que a solução pode estar no próprio Nietzsche – inventar novos ritos sagrados e tudo o que daí pode vir.

– Justamente! Se a gente está debaixo da sombra é porque ele não é infinito. Infinito não faz sombra. Não pode. Isso já mostra a própria situação do problema. 😊

Agora, tentando caracterizar o sagrado a partir do que você falou, vejo 3 aspectos:

1) transcendente; 2) normativa e 3) experimentada.

– Se por “normativa” você se referindo a uma espécie de “chamamento”, de guia, de orientação, então está superdeboa!

– Tirei “normativa” desse ponto mesmo, por oposição a “descritivo”.

Tive a impressão de que você mencionou agora está um ponto que está pouco diferente no teu texto. É como se no texto você afirmasse que o valor do sagrado deveria ser o valor intrínseco da vida humana. Ou algo nesse sentido. Mas aí vem a minha própria metafísica, a qual, obviamente, você pode recusar – e é bem provável que o faça: desde a minha perspectiva de que o absoluto não faz sentido, se a gente for procurar um valor – pra ficar nas duas primeiras características do sagrado que extraí de nossa conversa – ele deve ser relacional. Numa palavra: a procura por um valor – algo que se alinha com aquilo que você menciona sobre a transcendência e a normatividade – só pode ser feita nessa dimensão da relação, porque não há absoluto ou infinito. Não quer dizer que seja um puro relativismo, ou “tudo vale” ou “qualquer coisa vale”, mesmo porque um relativismo *absoluto* também não faz sentido a partir dos parâmetros que estou colocando. Quer dizer que os candidatos de sentido ou de sagrado ou de valor devem ser mais relações do que propriedades intrínsecas. Considerando que não há absoluto, talvez as relações sejam o melhor lugar pra gente buscar algo nesse sentido, em vez de uma dignidade intrínseca.

– Sobre essa ideia da relação, estamos farejando algo muito próximo, embora eu não saiba dizer muito mais do que isso...